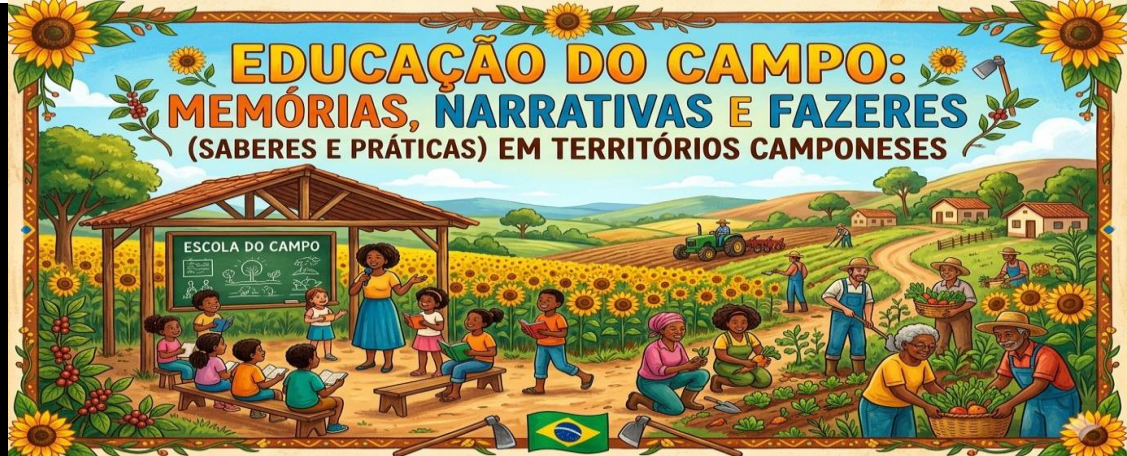




**O DIÁRIO DE CAMPO COMO FORTALECIMENTO DA PRÁTICA DOCENTE NO
MUNICÍPIO DE PASSO DE CAMARAGIBE, ALAGOAS**

**THE FIELD DIARY AS A STRENGTHENING OF TEACHING PRACTICE IN THE
MUNICIPALITY OF PASSO DE CAMARAGIBE, ALAGOAS**

Ana Maria Vergne de Moraes Oliveira

Universidade Federal de Alagoas

ana.oliveira@cedu.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0896-4029>

Marilene Maria de Lima

Prefeitura Municipal de Passo de Camaragibe, Alagoas, Brasil

marilenemariadelima2018@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4791-5035>

RESUMO: O artigo trata do Diário de campo como fortalecimento da prática docente. É fruto de um processo de pesquisa realizada com sete professoras que trabalham com turmas multisseriadas em escolas do campo de Passo de Camaragibe em Alagoas. Objetivou-se discutir o diário de campo como proposta pedagógica e construir, juntamente com as professoras, notas de experiências observadas nos espaços formais e não formais de ensino na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na EJA. Partiu-se do pressuposto de que o diário de campo auxilia as docentes no preenchimento dos pareceres descritivos e nas fichas individuais, e essa ação pedagógica impacta a proposta pedagógica. A pesquisa que serviu de base para este artigo, se identifica com a abordagem qualitativa, sendo composta por estudo bibliográfico, com ênfase nos autores Arroyo (2011), Caldart (2012), Sampiere (2013); documental e pesquisa de campo. No processo da pesquisa foi possível perceber que o Diário de Campo fornece as professoras a possibilidade de construir uma visão panorâmica da real situação da turma e da prática pedagógica a ser adotada, o que auxilia na busca de alternativas para solucionar questões pertinentes ao campo e seus diversos espaços, como, por exemplo, a sustentabilidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Diário de Campo. Formação Continuada. Educação do Campo.

ABSTRACT: The article deals with the Field Diary as a strengthening of teaching practice. It is the result of a research process carried out with seven teachers who work with multigrade classes in schools in the countryside of Passo de Camaragibe, in Alagoas. The objective was to discuss the field diary as a pedagogical proposal and to build, together with the teachers, notes of experiences observed in the formal and non-formal spaces of teaching in Early Childhood Education, Elementary School, and EJA. It was assumed that the field diary helps teachers to fill out the descriptive opinions and individual forms, and this pedagogical action impacts the pedagogical proposal. The research that served as the basis for this article, is identified with the qualitative approach, being composed of bibliographic study, with emphasis on the authors Arroyo (2011), Caldart (2012), Sampiere (2013); documentary and field research. In the research process it was possible to perceive that the Field Diary provides teachers with the possibility of building a panoramic view of the real situation of the class and the pedagogical practice to be adopted, which helps in the search for alternatives to solve issues pertinent to the field and its various spaces, such as, for example, social sustainability.

KEYWORDS: Field Diary. Continuing Education. Field Education.

Introdução

Quando um educador olha para o campo, deve questionar muitas ações, mas uma talvez lhe seja mais imediata: que educação no/do campo a escola quer construir? Para Arroyo (2011, p. 16), é preciso “captar a escola, a educação que está brotando, captar o que há de educativo no conjunto de ações, gestos, lutas do movimento social no campo”. Ora, como fazer para “captar” a escola, quais métodos de ensino-aprendizagem e qual concepção de educação devemos assumir para construir essas ações educativas e preservar, ao mesmo tempo, o conjunto dessas ações?

A primeira questão que devemos atentar é para a realidade da Educação Básica, que tem se tornado uma preocupação de diversas instituições públicas, no que diz respeito ao acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem. Este tem sido um desafio para a escola, para os professores e para a escola do campo, sobretudo, para os docentes contratados que ainda não têm formação pedagógica, conforme o que está posto no Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016, que dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica e de acordo com a Lei 13.005, de 24 de junho de 2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação - PNE. Outra questão importante está relacionada à implementação e aos investimentos na Educação Básica. Essa atitude colocará em evidência o olhar diferenciado para a escola do campo, cujos potenciais educacionais e

socioeconômicos já estão demonstrados em estudos como o de Arroyo (2011), por exemplo.

Com efeito, podemos destacar que é importante colocar que não basta que o professor ministre as aulas apenas para cumprir a carga horária, mas, antes de tudo, que planeje/replaneje o seu fazer pedagógico, valorizando a ideia de que a pesquisa é um instrumento pedagógico quando se quer modificar os espaços socioculturais na vivência de uma Educação do Campo crítica, participativa e eficaz. Por isso, podemos dizer que devemos criar situações de convivência que propiciem uma aprendizagem prazerosa, refletindo constantemente a prática. Assim, devemos nos manter abertos à organização do trabalho pedagógico, do planejamento para um questionamento reconstrutivo, pois isso é primordial para a construção de uma educação alicerçada na valorização dos sujeitos do campo. Pensando nessa trajetória, nossa pesquisa teve como objetivos discutir o Diário de Campo como proposta pedagógica e construir, juntamente com as professoras, notas de experiências observadas nos espaços formais e não formais de ensino na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na EJA.

Realizou-se, então, breve levantamento bibliográfico e escuta das percepções de professoras de escolas do campo de Passo de Camaragibe sobre a importância do Diário de Campo (limites e possibilidades) no conjunto das ações, processos e políticas de formação continuada de professores de escolas do campo do referido Município. Nesse sentido, a partir do Diário de Campo, iniciamos a construção do corpus de estudo, produzindo uma ferramenta educacional que forneça à escola uma visão de sua prática escolar. Em seguida foi realizada a coleta de dados. Na inserção em campo, fizemos uso de entrevista semiestruturada, totalizando sete (7) professoras, sendo duas (2) da Educação Infantil, quatro (4) dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma (1) da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

O Diário de campo: um elemento fundamental na prática pedagógica

O Diário de Campo é um instrumento que permite observar e fazer uma análise dos processos pedagógicos, de forma detalhada. Por meio dos registros das

vivências, o professor acompanha o desenvolvimento pedagógico da turma, reavalia ações e promove ações de confronto de saberes, que, a partir disso, possibilita uma reflexão da prática de ensino. Para Sampiere (2013, p. 388),

É muito importante manter registros e elaborar anotações durante os eventos ou acontecimentos relacionados com a formulação. Se não for possível, a segunda alternativa é fazer isso o mais rápido que podemos após os fatos. E, como última opção, as anotações são feitas quando terminamos cada período no campo de estudo (na hora de um recesso, uma manhã ou um dia, no máximo). É bom que esses registros e anotações sejam guardados ou arquivados separadamente por evento, tema ou período. Assim, os registros e as anotações do evento ou período 1 serão arquivados independentemente dos registros e das anotações do evento ou período 2, e assim sucessivamente. São como páginas separadas que se referem aos diferentes acontecimentos (p. ex., por dia: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo). De cada fato, ou período anotamos a data e hora correspondentes. Não importa o meio de registro (computador de bolso, gravador de voz ou vídeo, papel e lápis, entre outros).

Os registros detalhados das experiências podem ocorrer nos espaços formais e não formais de ensino, viabilizando, portanto, a concretização de mecanismo que concerne a pesquisa, como nos ensina Demo (2012), quando diz que é preciso reafirmar esse trabalho, pois ele coloca o pesquisador em confronto com as ações de descrever, de revelar, de explicar e de interpretar culturas de uma comunidade, bem como as relações sociais observadas ou estudadas. Através das Notas do Diário de Campo – NDC, o docente consegue também reduzir o trabalho com os pareceres descritivos e com as fichas individuais. Nessa perspectiva, os registros realizados previamente não só auxiliam no preenchimento dos documentos supracitados, mas também a criação de textos autobiográficos, pois, “ao fazer a (auto)biografização no Diário de Campo acerca dos caminhos/trajetos e momentos da/na pesquisa, temos a possibilidade de interpretar a nós mesmos/as” (Oliveira, 2014, p. 82). Com efeito, esta interpretação de nós mesmos ou de nossas ações coloca em evidência a criação de produtores de textos, uma vez que a partir dos registros, relatos, pesquisa e pesquisadores irão alinhar-se na busca de dar conta cada vez mais do objeto pesquisado.

O registro do Diário de campo na pesquisa pedagógica é, antes de tudo, um ato escrito, cuja prática dará ao leitor uma dimensão dos processos de pesquisa

abraçados pelo pesquisador. Além disso, sob o domínio do diário de campo, o professor terá uma visão panorâmica da real situação da turma, auxiliando-o, quase sempre, na busca de alternativas para solucionar problemas de ajustes de pesquisa e/ou de alargamento do corpus pesquisado. De que forma(s) essa ferramenta pedagógica dialoga com as especificidades da Educação do Campo e seus princípios? A Educação do Campo é o espaço de vida, de mobilização, de participação e de efetivação de direitos sociais, pois ela deve ser pensada a partir da especificidade do contexto do campo e dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Consideramos que a Educação do/no Campo se fundamenta nas práticas sociais, na luta de povos do campo por uma educação de qualidade, e, por isso, é preciso pensar que esse tipo de educação se constrói dialeticamente, mantendo-se em constante transformação, haja vista que os espaços do campo são efetivamente multiculturais e pluriespaciais. Para Caldart (2012, p. 259), “[...] a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”.

A Educação do Campo é fruto das lutas e enfrentamentos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, organizados nos movimentos sociais, há mais de duas décadas. O esforço é, justamente, para garantir o direito a uma Educação do Campo de qualidade nos contextos e territórios nos quais os sujeitos se constroem e constroem sua existência. Por isso, pensar os espaços escolares com ações pedagógicas que se firmem na pesquisa-ação, na pesquisa de intervenção, pois a prática escolar se predispõe a colocar os agentes em contato com a realidade sociocultural da região. O Diário de Campo dialoga com esta perspectiva e, é neste sentido que socializamos aqui as experiências desenvolvidas em Passo de Camaragibe. A coordenadora das escolas do campo, do referido município vem dialogando com professores que trabalham nas escolas do campo, cujas turmas são, em sua maioria, multisseriadas, o que permitiu verificar a relevância da prática do Diário de campo, com o intuito de fortalecer o trabalho docente e compor um panorama sócio-histórico da realidade local. Podemos assegurar que os processos de

observar e registrar as vivências das relações de ensino e aprendizagem contribuem com novas práticas de ensino, no âmbito da Educação do Campo.

De acordo com Arroyo (2011, p. 73-74),

Devemos ter clareza, como educadores, de que pode estar acontecendo um descompasso entre o avanço da consciência dos direitos e a educação escolar. O movimento social avança. O homem, a mulher, a criança ou o jovem no campo estão se constituindo como novos sujeitos sociais e culturais, e a escola continuará ignorando essa realidade nova? Não nos é pedido que como educadores dinamizemos a sociedade rural a partir da escola, mas dinamizemos a escola, nossa ação pedagógica, para acompanhar a dinâmica do campo.

Com efeito, podemos pensar, seguramente, que refletir sobre a prática pedagógica é fundamental para proporcionar aos sujeitos do campo uma formação condizente com sua realidade, uma vez que é importante que a escola seja agente de transformação e construa ações pedagógicas interessantes para os sujeitos que vivem e trabalham nas áreas rurais. Assim, asseguramos que quando trabalhamos nessa perspectiva, a escola, como diz Freire (2000), precisa educar e educar-se para a liberdade.

Formação continuada de professores

A formação continuada de professores tem sido apontada, em diferentes espaços de discussão e, em especial pela ANFOPE¹, como uma política essencial na construção de mais valorização da profissão docente e melhoria do exercício da profissão daqueles e daquelas que atuam “no chão da escola” e, indubitavelmente, sentem as pressões das reformas educacionais em curso, desde a década de 90. Em documento-orientador organizado para o XXI ENANFOPE (que teve lugar em Brasília, em maio do corrente ano) encontramos, entre os princípios defendidos para a formação continuada de professores, a perspectiva de defesa da “[...] realidade objetiva da escola como base da elaboração do conhecimento”. Passamos a expor o que o referido documento afirma a esse respeito:

¹ Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. (<https://www.anfope.org.br/>).
Revista Interseção, Palmeira dos Índios/AL, v. 9., n. 1, jun. 2026, p. 186-204.
ISSN 2675-5955
DOI: 10.48178/intersecao.v9i1.761

Diferente de partir da realidade, esse princípio exige extensos e profundos redimensionamentos pedagógicos. Assim, a realidade passa a ser considerada não apenas como aquilo que está mais próximo, mas tudo o que merece e deve ser conhecido. O conhecimento só se constitui na ação, na relação sujeito-objeto. Em nossa compreensão, é necessário realizar um projeto educativo que tenha sentido para o sujeito. É fundamental que professores possam exercer continuamente reflexões sobre o cotidiano da escola, sobre sua prática pedagógica e sobre a realidade na qual ela se dá, incentivando, assim, a autonomia do profissional do ensino. (ANFOPE, 2023, p. 35)

Nem todo professor reconhece na construção do Diário de campo a importância devida. Diante disso, podemos dizer que o papel de uma boa formação continuada de professores traz um direito estabelecido no marco normativo, com concepções e princípios da Educação do Campo, e deve ser uma ação pedagógica corriqueira na escola. De acordo com a Resolução Normativa nº 040/2014 do CEE/AL, art.4º § 2º, afirma-se o seguinte:

Deverá ser ofertada, aos educadores, gestores, técnicos, pessoal administrativo e de apoio, que atuem nas escolas do campo, formação inicial e continuada que levem em consideração as especificidades e peculiaridades dos sujeitos do campo, com estudo dos múltiplos aspectos da realidade campestre, especialmente a realidade alagoana e nordestina.

Dessa forma, podemos assegurar que a formação continuada de professores para a escola do campo fortalece a prática docente, porque dialoga, sobretudo, com a realidade campestre. Reafirmamos a importância dos professores se apropriarem dos conhecimentos relacionados à Educação do Campo, uma vez que eles precisam considerar as especificidades e peculiaridades dos sujeitos do campo.

No que diz respeito aos documentos oficiais, podemos observar outros documentos aprovados pelo Conselho Nacional de Educação/CNE, que antecedem a aprovação da Resolução 040/2014 pelo Conselho Estadual de Educação de Alagoas/CEE-AL. Fazem parte desse marco regulatório nacional, por exemplo, as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, Resolução CNE/CEB Nº 1, de 3 de abril de 2002; Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o Desenvolvimento de Políticas Públicas de atendimento da Educação Básica do Campo, Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008 e o Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, cujo art. 4º, inciso VI estabelece que a “formação inicial e

continuada específica de professores que atendam às necessidades de funcionamento da escola do campo” (Brasil, 2010), deve ser garantida. Dessa forma, os documentos oficiais legitimam a formação continuada de professores e estabelecem a mesma condição para Educação do Campo. Os municípios devem, portanto, cumprir o que recomenda o marco normativo para a Educação do Campo e efetivar, de forma participativa e socialmente democrática, a formação continuada de professores que trabalham nas escolas do campo.

Organização do trabalho pedagógico

A organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo se faz com a construção de uma consciência política por parte dos professores, bem como o reconhecimento de que as ações do Diário de campo irão fomentar a realização de estudos que a pesquisa-ação exige para a prática escolar. Portanto, devemos pensar na urgência e importância dessa prática, que deve visar o bom andamento dos processos de ensino e aprendizagem. Embora reconheçamos o árduo trabalho com turmas multisseriadas, cada professor poderá, na organização dos registros das atividades, reconhecer o passo a passo de suas próprias ações.

O que temos enfatizado é que a prática de elaboração de registros do Diário de Campo possibilita aos professores a construção de um perfil da turma, dos mecanismos da revisão da prática pedagógica, bem como o desenvolvimento das atividades que estejam integradas ao ambiente da escola do campo. Assim, é possível, a partir das observações, planejar aulas contextualizadas, integradas à realidade, reflexivas e questionadoras. Segundo Almeida (2022, on-line):

A reflexão sobre a organização do trabalho pedagógico é essencial para pensarmos sobre a aula e sua implicação na formação dos estudantes e, por consequência, na nossa constituição docente. Os caminhos escolhidos, todavia, não deveriam estar descolados dos objetivos almejados, dos conteúdos e das habilidades a serem desenvolvidos e do constante revisitar avaliativo da ação.

Olhando para as ações da pesquisa-ação e da organização do Diário de campo, podemos dizer que o maior desafio para os professores que assumem a sala

de aula é o encontro com turmas multisseriadas, uma vez que, no geral, a formação inicial à qual tiveram acesso não incorpora a Educação do Campo e suas especificidades e isso acaba determinando que cheguem às escolas do campo sem a formação pedagógica necessária.

Desenho metodológico da pesquisa

Segundo Gomes (2012, p. 79), a pesquisa qualitativa revela a necessidade de clareza nos registros, bem como a observar se o material é suficiente para a análise, ou seja, “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. No nosso caso, a pesquisa é de natureza qualitativa, em que a organização e a coleta dos dados perpassam pelo domínio de conceitos ao confronto com os textos absorvidos no diário do campo.

No que se refere ao processo de desenvolvimento da pesquisa, buscamos entender os processos de ensino-aprendizagem a partir da observação e coleta dos dados. Assim, a pesquisa está circunscrita no campo das Ciências Humanas e considera os sujeitos e suas subjetividades, com especial atenção para as relações socioeducacionais que estabelecem no contexto e realidade das escolas e da Educação do Campo.

A pesquisa ocorreu no período entre abril e novembro de 2022, solicitando a cada professora que registrasse em nota do Diário de Campo uma das ações do projeto “Educação do Campo e Sustentabilidade Socioambiental”. O projeto foi concretizado nas sete escolas do campo, no município de Passo de Camaragibe, em Alagoas, coordenado pela Professora Marilene Maria de Lima. O projeto contribuiu para o fortalecimento da prática docente, além de auxiliar as professoras num planejamento reflexivo, na reorganização das atividades pedagógicas e no preenchimento dos pareceres descritivos e nas fichas individuais. Foi implantado no ano de 2022 e envolveu sete professoras que trabalham com turmas multisseriadas nas escolas do campo, no município de Passo de Camaragibe, em Alagoas. As professoras que participaram da pesquisa autorizaram fazer uso das informações

prestadas por elas, conforme o que declararam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE.

A coleta de dados se deu pelo estudo de referenciais teóricos e aportada na pesquisa bibliográfica e documental. A partir daí, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada. A Observação participante, segundo Gil (2019, p. 121) se caracteriza da seguinte forma:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo. Nesse Caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

O autor destaca, neste tipo de observação, a possibilidade de maior interação do pesquisador com a realidade investigada. Considerou-se este modelo de observação mais adequado aos objetivos da pesquisa aqui descrita.

A Entrevista semiestruturada foi utilizada de forma a ampliar nossa capacidade de acessar as percepções das professoras envolvidas na pesquisa, em torno do potencial formativo do Diário de Campo. As entrevistas semiestruturadas aconteceram no ano de 2023², com as sete professoras que trabalham nas escolas do campo, com turmas multisseriadas, na Educação Infantil, nos Anos Iniciais e na Educação de Jovens e Adultos – EJA, no município de Passo de Camaragibe, litoral norte de Alagoas. No processo da pesquisa que realizamos, as entrevistas semiestruturadas buscaram compor uma metodologia que encontre nos pontos de vista dos sujeitos entrevistados, relações e confrontos com a prática da pesquisa-ação.

As entrevistas semiestruturadas, em particular, têm atraído interesse, sendo amplamente utilizadas. Tal interesse está vinculado à expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento

²As Notas do Diário de Campo fizeram parte da organização do trabalho dos professores do campo, desde o ano de 2018, mas só a partir do *III Encontro Municipal de Educação do Campo*, no município de Passo de Camaragibe, em Alagoas, foi pensado na escrita de um tema tão relevante e que deve ser levado em consideração no dia a dia da prática docente. O evento ocorreu no ano de 2022, mas a coleta de dados foi consolidada no ano de 2023.

relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada (Flick, 2004, p. 89).

Foram realizadas entrevistas com sete (7) professoras, sendo duas (2) da Educação Infantil, quatro (4) dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma (1) da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Aqui vamos nomeá-las com pseudônimos, para que o direito de anonimato seja garantido. Desta forma, nos referiremos às professoras colaboradoras da pesquisa como: *Esperança*; *Amizade*; *Coragem*; *Alegria*; *Graça*; *Liberdade* e *Gentileza*.

Resultados e discussão

Os dados foram coletados a partir das observações participantes, na formação continuada de professores, bem como nas interações das professoras na entrevista semiestruturada. Diante disso, foi possível perceber que as práticas resultaram na compreensão das professoras acerca da relevância de registrar as experiências para posteriormente analisá-las. Tais resultados puderam ser percebidos nas falas de sete (7) docentes que trabalham nas escolas do campo, com turmas multisseriadas, na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos - EJA. As professoras envolvidas na pesquisa se distribuem da seguinte forma: Duas (2) são professoras da Educação Infantil, quatro (4) atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e uma (1) é professora da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Por meio das observações participantes, foi possível perceber as inseguranças de algumas professoras. Inicialmente falaram que não sabiam como começar. Com as orientações que receberam da coordenadora das escolas do campo, na formação continuada, as dúvidas foram sanadas, como podemos observar na fala da professora *Coragem*, que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

A nota do diário para mim, no início foi uma experiência nova. Lembro-me que fiquei um pouco insegura. Mas aos poucos fui percebendo de sua importância. Hoje posso afirmar que ela cumpriu um papel de grande relevância na minha prática docente. Registrar uma nota no diário de campo, de uma experiência exitosa em sala de aula por exemplo, ao

escrever, nos leva a desenvolver nosso jeito próprio de expor nossas ideias, de forma mais detalhada e depois partilhar com outros colegas, e vice-versa é simplesmente fantástico.

Coragem, uma das participantes da pesquisa, é professora das séries iniciais; graduada em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Tem experiência em sala de aula, com mais de 15 anos e em escola do campo, atua há 12 anos. Podemos observar que ela constrói o texto dela a partir da palavra “insegura”. Embora demonstre experiência, pelo tempo de permanência na educação, ainda se mostra insegura na construção do Diário de campo. O relato da professora Coragem dialoga com uma reflexão trazida por Zabalza (2004, p. 18). Vejamos:

Escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha uma natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise e, no caso de desejá-lo, se facilita a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou com o grupo de colegas.

A possibilidade de acessar a própria experiência docente, com algum distanciamento, oportunizado pela anotação escrita, (que envolve ainda o compartilhar e dialogar sobre sua própria prática) parece carregar um importante potencial formativo. As anotações de campo, desta forma, extrapolam o seu papel meramente descritivo da prática docente, dos processos e atividades em sala de aula, e se revestem de um matiz reflexivo. Vamos seguir com os depoimentos das demais professoras e identificar aspectos de unidade ou de particularidade entre eles.

Esperança, professora da Educação de Jovens e Adultos – EJA, está cursando Pedagogia e História na Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, com experiência de 2 anos na escola do campo. Vejamos o que ela nos diz sobre o exercício de registro no Diário de Campo:

O projeto Educação do Campo e Sustentabilidade Socioambiental foi o primeiro projeto que participei na minha escola, desde que iniciei minha carreira como professora. Um projeto pensado para a escola e comunidade na qual os alunos, assim como eu, faço parte. Trabalhamos nesse projeto

com a compostagem, agregando um riquíssimo conhecimento para uma comunidade onde a agricultura e o descarte irregular de lixo fazem parte dela. Esse projeto me fez perceber mais claramente a importância de perpetuar essa relação e estreitar os laços da comunidade escolar mediante projetos que realmente tenham um objetivo e que acrescentem de maneira positiva na comunidade escolar. Foi com enorme contentamento que produzimos nossos diários de campo, tendo em vista o grande conhecimento agregado aos alunos e o quanto essa experiência enriqueceu não apenas os sujeitos do campo, mas toda comunidade escolar e local.

Podemos observar que *Esperança* argumenta que a participação no projeto Educação do Campo e Sustentabilidade Socioambiental foi positiva. O registro revela adjetivações, como o termo “riquíssimo” relacionado ao conhecimento adquirido, mantendo a escrita positiva, sem apontar pontos negativos, críticas ou recomendações ao projeto. O depoimento da professora reforça o que apontamos anteriormente ao nos referirmos às lacunas que persistem na Formação Inicial de professores, quanto à Educação do Campo. As políticas que vem sendo implementadas pela SECADI/MEC, há mais de 20 anos, no contexto dos governos de Lula (através das Licenciaturas em Educação do Campo; PROCAMPO; PROLIND e da Pedagogia da Terra/PRONERA) integram movimentos de superação destas lacunas. O depoimento da professora *Esperança* nos sinaliza que a Educação do Campo, desta forma, vai ocupando territórios na formação docente (inicial e continuada) e se materializando nos currículos escolares, nas metodologias e no trabalho docente, de maneira mais ampla.

A professora *Amizade* acredita que o Diário de campo é uma prática na formação continuada ofertada pela rede, e, mais uma vez, credita positivamente a “bagagem de conhecimentos incríveis”, impossibilitando detectar os pontos que poderiam levar o projeto a uma reavaliação pelo grupo observado. Ela é professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), com 5 anos de experiência em sala de aula e está pela primeira vez em contato com a Educação do Campo.

A formação continuada, favorece a construção de bases teóricas que fortalece a prática docente. O diário de campo, por exemplo, trouxe para mim uma bagagem de conhecimentos incríveis, os quais levo comigo sempre. Hoje, compreendo a realidade dos alunos. Assim, a partir desta experiência, é possível trabalhar melhor com a turma.

Para pensarmos a escola, e principalmente a Educação do Campo, precisamos não somente conviver com ela, mas também entendê-la, ou seja, pensar naquilo que foi dito no início dos nossos questionamentos neste artigo, quando Arroyo (2011) arremata sobre o fato de pensar o que a escola quer. Este pode ser um caminho com múltiplas saídas, embora possamos afirmar em qual porta a escola quer entrar e sair.

Os resultados desta pesquisa revelaram que as professoras, com pouca e com muita experiência no magistério, ainda se deparam com falta de conhecimento em torno da pesquisa participativa, que sugere um melhor intercâmbio entre agentes escolares, professores, alunos e comunidade. Em obra já mencionada anteriormente, Zabalza (2004, p. 23) nos convida a refletir sobre o que ele nomeia como dilemas vivenciados pelos professores em seu cotidiano profissional e no potencial que os diários carregam enquanto espaços de registro (certa racionalização sistemática); comunicação e reflexão sobre a sua prática docente. Aqui o autor menciona o processo de construção cognitiva e emocional experimentado pelos professores(as) na ‘resolução’ de tais dilemas.

Por meio dos diários costuma ficar claro, algumas vezes de forma explícita e em outras de forma implícita, nas entrelinhas, quais são os dilemas que mais perturbam os professores, como cada um deles o constrói cognitivamente e emocionalmente e que mecanismos emprega para resolvê-los. É por isso que os diários constroem um excelente caminho para se chegar, pelo menos à medida que os professores o desejem e/ou o permitam, aos dilemas práticos da profissão.

A professora *Alegria* – regente da Educação Infantil, graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras/UNOPAR, com 4 anos de experiência com a escola do campo e que atuou 2 anos como professora e 2 como auxiliar de sala, nos disse: “[...] para mim o Diário de campo é uma experiência prazerosa, vivida em sala de aula ou fora dela. Os registros são importantes porque facilitam o trabalho do professor, bem como auxiliam no acompanhamento da turma”. Neste sentido, encontramos possibilidades de articulação com o que Zabalza (2014, p. 27) reflete acerca da contribuição dos Diários para o processo mais amplo de “avaliação e

reajuste dos processos didáticos” e/ou de “desenvolvimento profissional permanente”.
Vejamos:

Parece evidente, hoje em dia, que a simples prática (o levar muitos anos desenvolvendo uma determinada atividade) não melhora substancialmente a qualidade do exercício profissional (pelo menos naquelas profissões de elevado nível de complexidade, como é o caso do ensino). A importância atribuída nestes últimos anos à reflexão, à avaliação ou à aprendizagem como competências profissionais substantivas e necessárias para o desenvolvimento profissional nos remete à necessidade de buscar instrumento de coleta e análise de informação referente às próprias práticas que nos permita revisá-las e reajustá-las, se for preciso.

A reflexão de Zabalza (2004), em diálogo com os depoimentos das professoras envolvidas na pesquisa, ajuda a consolidar o papel formativo dos Diários de Campo. Sigamos nos aproximando das percepções das referidas professoras. A professora *Graça*, por exemplo, é a única no grupo com Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Inglês e suas respectivas literaturas. É especialista em Formação para docência do Ensino Superior. Ela possui 20 anos de experiência no magistério, dos quais 12 anos foram de atuação na Educação do Campo. Em sua fala afirmou que:

A nota de campo é uma forma de registro muito importante, pois tem a função de coletar dados de aulas realizadas através da observação. Sendo minucioso em cada detalhe observado e registrado. A nota do diário de campo é mais um instrumento utilizado para anotar uma aula diferenciada ou até mesmo uma aula onde as crianças saiam da sua rotina.

Professora *Graça* atribuiu valor metodológico ao Diário de campo, que, segundo ela, proporciona uma “aula diferenciada”, ou até mesmo fazer com que as crianças “saíam de sua rotina”. Já *Liberdade*, que é professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologia e Ciência. Ela possui especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAL, com 7 anos de experiência em sala de aula, dos quais 2 anos de atuação em escola do campo. Para ela,

A nota do diário de campo é de suma importância para nós docentes; é uma forma de vivenciar de novo cada momento em que foram desenvolvidas as

determinadas atividades realizadas pelos nossos alunos, auxiliados por nós professores. Tendo em vista também que estamos falando do campo com riquezas e detalhes o que vimos e vivenciamos. Através dessa nota estamos avaliando nossos alunos, a nós quanto docentes e as riquezas do campo em geral.

Em artigo de Ando (2025, p. 02), a autora faz menção aos aspectos trazidos pela professora Graça.

Os diários dão ao professor a oportunidade de rever elementos que muitas vezes passam despercebidos durante as ações diárias em sua profissão, bem como de observar como a interação afeta a ele e seus alunos. Ao registrar sua caminhada, que muitas vezes está permeada de sentimentos, o diário possibilita ao professor reconstruir sua experiência, permitindo o distanciamento e a análise do que foi desenvolvido. Essa reconstrução constante da prática pedagógica é essencial, pois a ação didática é considerada complexa, visto que, durante uma única aula, o docente pode se deparar com imprevisibilidade, dilemas e conflitos.

Para finalizar, a professora Gentileza, graduada em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia, com tempo de experiência em sala de aula de mais 30 anos, 12 dos quais em escola do campo, afirmou que:

A nota do diário de campo foi algo novo e interessante e não mais um instrumento apenas para sistematizar as nossas práticas pedagógicas. Cumpriu um papel muito maior, onde são registradas as experiências, as vivências e as observações no dia a dia da sala de aula, podendo ser compartilhadas as experiências exitosas com outros professores, havendo trocas de novas práticas, colaborando para o enriquecimento do nosso trabalho.

Os resultados – aqui apresentados de forma sintética e apenas ilustrativa (não exaustiva) – sinalizam que as professoras compreenderam, cada uma à sua maneira, a relevância do Diário de Campo na prática pedagógica, e que, embora o registro implique em uma descrição positiva da observação e da entrevista, observamos que o registro deve estar atrelado às formas da pesquisa na Educação do Campo.

Considerações finais

A Educação do Campo no município de Passo de Camaragibe incentivou as docentes, quando da oferta dos cursos de formação continuada de professores, a

produzirem Notas do Diário de Campo – NDC, tendo em vista a compreensão da relevância da construção e socialização de conhecimentos a partir desses mecanismos pedagógicos.

Tendo em vista que todas as produções foram organizadas em um portfólio, cada docente teve acesso a leituras que incluíram os documentos legais e textos conceituais sobre a metodologia reconstrutiva de conteúdos que levam à prática e a construção de projetos. Com o Diário de Campo a professora observa e descreve sobre a realidade, ou seja, estabelece uma visão mais aproximada dos problemas e acertos que seus espaços escolares fornecem para construção do conhecimento. O detalhamento das atividades realizadas, dos processos de ensino-aprendizagem, auxilia as professoras no preenchimento de pareceres descritivos, fichas individuais, formando uma visão sociocultural, psicossocial e pedagógica da turma. Foi possível perceber, no entanto, que os Diários de Campo assumem muito mais que uma função meramente descritiva da realidade, contribuindo para a reflexão, a avaliação e até mesmo reorientação da prática docente, através de processos mobilizados pela escrita, que envolvem dimensões cognitivas e emocionais da docência. A Educação do Campo (como espinha dorsal dos processos formativos aqui socializados) garante a articulação destas dimensões com a dimensão política da Educação como fenômeno sócio-histórico.

A Educação do Campo no município de Passo de Camaragibe foi fortalecida com a construção de notas do Diário de campo, porque, por meio das observações, as professoras conseguiram refletir a prática docente, acompanhar mais de perto as ações e analisá-las, potencializando o trabalho didático-pedagógico. Como resultado das ações, as produções dos registros do Diário de Campo foram organizadas em portfólio e socializadas no *III Encontro Municipal de Educação do Campo*, no município de Passo de Camaragibe, litoral norte de Alagoas. Assim, a organização do trabalho pedagógico contribuiu para que as produções das notas do Diário de Campo fossem concretizadas, ou seja, as observações da pesquisa-ação e seus desdobramentos constituíram, ao longo do tempo, no projeto *Educação do Campo e Sustentabilidade Socioambiental*, no ano de 2022, entendendo que o objetivos das ações do projeto era registrar em Notas do Diário de Campo (NDC) as práticas

pedagógicas desenvolvidas de maneira que elas formassem parte integrante de um arcabouço de pesquisa para as escolas do campo no município.

Referências

1. ALAGOAS. Conselho Estadual de Educação. **Resolução Normativa nº 040/2014 - CEE/AL**. Dispõe sobre a regulamentação da oferta de Educação do Campo no Sistema Estadual de Educação de Alagoas e dá outras providências correlatas. Alagoas: CEE/AL, 2014. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CEEAL_2._Resoluuaa7a_a3o_Normativa_de_Ed_do_Campo.pdf. Acesso em: 7 jun. 2026.
2. ALMEIDA, Luana Costa. A dimensão metodológica da aula: revisitando a Organização pedagógica do trabalho docente – 2022. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qq8zQYvfJvNRbWj6S88bkyy/?lang=pt#>. Acesso em: 7 jun. 2026.
3. ANDO, Daniela de Araújo; NASCIMENTO, Laura Perazza Mendes. Investigador de si próprio: o diário como ferramenta relevante na formação de professores. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 43, 12 nov. 2025. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/43/investigador-de-si-proprio-o-diario-como-ferramenta-relevante-na-formacao-de-professores>. Acesso em: 7 jun. 2026.
4. ARROYO, Miguel Gonzales. A educação básica e o movimento social do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
5. ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO (ANFOPE). **Documento Final**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANFOPE, 21., 2023, Brasília, DF. Anais [...]. Brasília, DF: ANFOPE, 2023.

6. BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.** Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.
7. BRASIL. **Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016.** Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: vlex.com.br. Acesso em: 7 jun. 2026.
8. CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2026.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).